



EUROPA

Morre Maricarmen, um símbolo do descaso

Falecimento de idosa de 87 anos despejada de apartamento onde vivia por sete décadas provoca comoção na Espanha e reacende manifestações. Maricarmen Abascal tornou-se um ícone da crise de moradia, que pressiona o governo de Pedro Sánchez

» RODRIGO CRAVEIRO

Do lado de fora do apartamento no bairro de Ibiza, em Madri, um cartaz foi afixado na porta. “Descanse em paz, Maricarmen”, dizia a frase escrita em tinta preta, sobre um coração desenhado com a mesma cor. Maricarmen Abascal, 87 anos, a idosa que se tornou símbolo da crise de moradia na Espanha, depois de ser despejada do imóvel onde habitava havia mais de sete décadas, faleceu às 19h30 de ontem (14h30 pelo horário de Brasília), no Hospital Gregorio Marañón. Ela tinha acabado de assinar um contrato de aluguel com duração de oito anos e de recuperar o seu apartamento.

Assim que a informação sobre a morte foi divulgada pela mídia do país, milhares de pessoas ocuparam a Praça Puerta del Sol, no centro da capital espanhola. No local do acampamento dos ativistas, foi montado um altar com velas e fotos em homenagem à anciã. Aos gritos de “assassinos” e “Maricarmen vive, a luta continua!”, os manifestantes acenderam velas diante do prédio do Congresso, depois de uma marcha.

A comoção também ganhou as esferas do poder. Personalidades do governo e da oposição renderam tributo à idosa e lamentaram a morte. Depois de ser derrotado no Congresso, que rejeitou dois decretos sobre moradia, e de antecipar as eleições legislativas para 29 de novembro, o primeiro-ministro Pedro Sánchez se expressou por meio das redes sociais. “Todo o meu carinho à família e aos entes queridos de Maricarmen. Um abraço também a todos aqueles que sentem essa perda como se fosse própria. Descanse em paz”, escreveu. O governista Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) advertiu que “o sofrimento de Maricarmen não pode se repetir”. “Sua luta contra a injustiça e a especulação não será em vão. Descanse em paz”, afirmou.

A ministra da Habitação e Agenda Urbana, Isabel Rodríguez, também se pronunciou em seu perfil no X. “Lamento profundamente a morte de Maricarmen. Minhas condolências e meu reconhecimento àqueles que a acompanharam e que lutaram com ela até o fim”, declarou. “Há notícias que causam um nó no estômago. Todo o meu carinho aos familiares e

Dani Duch/La Vanguardia/AFP



Maricarmen Abascal é carregada sobre maca depois de ser retirada de seu lar, no bairro de Ibiza, em Madri, em 23 de setembro passado

amigos de Maricarmen. Descanse em paz”, reagiu, por sua vez, o ministro da Economia e vice-premiê, Carlos Cuerdo.

Líder do Partido Popular (PP), a principal força de oposição a Sánchez, Alberto Núñez Feijóo descartou o uso político da morte. “Queiro expressar minhas condolências à família e aos entes queridos de Maricarmen. Não à campanha, a partidos ou à exploração interesseira. Não mais pedras no muro. Ante a morte de uma pessoa somente cabe o respeito”, escreveu no X, ao qualificar o falecimento de Maricarmen como “desolador”. “Não utilizarei isso politicamente, como o governo tem feito”, avisou.

“Assassinato”

O partido ultradireitista Vox denunciou um “assassinato” da idosa. “Mataram Maricarmen. Sem nenhum escrúpulo, utilizaram o sofrimento de uma idosa para montar uma campanha que ocultasse a responsabilidade do governo no desastre da moradia. A responsabilidade é de Pedro Sánchez, como

Thomas Coex/AFP



Manifestantes se reúnem em vigília na Praça Puerta del Sol

disse Maricarmen”, pontuou o Vox no comunicado publicado nas redes sociais. A esquerda adotou a mesma estratégia de acusar um crime. “Não é uma morte, mas um assassinato. Que raiva maldita. Obrigado por lutar, Maricarmen”, afirmou Irene Montero, candidata às primárias ao cargo de premiê pelo partido Podemos.

Em entrevista ao **Correio**, Beatriz Duro, advogada de Maricarmen, disse que idosa tornou-se símbolo da luta pelo direito à moradia. “Ela fez mais pela habitação, com o Sindicato das Inquilinas de Madri, do que os distintos governos das diferentes legislaturas. É um exemplo de luta, de resistência, de que, juntos, podemos”,

destacou. “Maricarmen conseguiu o que sempre tinha sido impensável: poder voltar para casa depois de ser desalojada, ainda que infelizmente isso não possa ter sido materializado.”

Beatriz Duro anseia que o falecimento de sua cliente leve a uma mudança política. “Espero um pacto de Estado que permita a reforma profunda e estrutural que o sistema necessita para proteger e garantir o direito à moradia”, declarou.

Coube ao Sindicato das Inquilinas de Madri o anúncio da morte de Maricarmen. “Lamentamos informar que, no dia de hoje, faleceu Maricarmen. Em 23 de setembro, como todos sabem, ocorreu seu despejo e, desde então, ela permanecia hospitalizada. Embora se tenha alcançado um acordo histórico que lhe teria permitido voltar à sua moradia, essa solução chegou tarde demais. Uma situação absolutamente evitável após um processo torturante”, comentou. “Os acontecimentos desencadeados pela injustiça de seu despejo representam, sem dúvida, um divisor de águas na história deste

Para saber mais

Vítima da especulação

Em 23 de setembro passado, Maricarmen Abscal foi obrigada a deixar o apartamento onde morou por 70 anos após uma imobiliária comprar o imóvel e aumentar o aluguel em 275%. Para continuar vivendo no local, ela teria que pagar 2.650 euros por mês (cerca de R\$ 14,9 mil). Os valores dos aluguéis dispararam devido ao aumento da demanda, incluindo a do turismo e a do crescimento populacional ligado à imigração, segundo analistas. A imagem da idosa saindo de maca do apartamento, em meio aos gritos de indignação dos manifestantes que foram apoiá-la, gerou uma indignação que acabaria resultando em uma onda de mobilizações que se espalhou por várias cidades espanholas.

Nove dias depois do despejo, o Congresso da Espanha rejeitou dois decretos sobre moradia propostos pelo governo de Pedro Sánchez, impondo uma dura derrota ao Executivo. Os textos incluíam a renovação automática dos contratos de aluguel no vencimento e medidas para restringir os despejos de inquilinos vulneráveis. Também miravam os chamados “fundos abutres”, que compram imóveis a preços baixos para maximizar sua rentabilidade. Pressionado pelos sindicatos e por ativistas que acamparam na Praça Puerta del Sol, em Madri, o primeiro-ministro Sánchez viu-se obrigado a antecipar as eleições gerais, que ocorreriam em agosto de 2027, para 29 de novembro.

país: manifestações multitudinárias, acampamentos em praças, antecipação das eleições e convocação de uma greve geral. O debate sobre a habitação está no centro, mas o custo para chegar até aqui foi alto demais.”

O sindicato acrescentou que Maricarmen deixa um exemplo de luta e de legado. “Cumpriremos com o que ela sempre nos pedia: ‘ludem, sigam lutando pelo que é seu!’”, exortou, ao prometer defender o direito à moradia e seguir a luta contra especuladores.

Recuo na repressão aos secundaristas

Pressionado no parlamento pela oposição de esquerda, que questiona duramente a repressão policial aos protestos dos estudantes, principalmente secundaristas, que se alastram pelo país há uma semana, o primeiro-ministro da França, Sébastien Lecornu, afirmou ontem que as forças de segurança “não receberam instruções para confrontar” os manifestantes e anunciou que foi suspenso o uso de granadas de efeito moral. Na escalada de confrontos nas ruas de Paris e outras das principais cidades, incidentes se repetem diariamente. No mais grave deles, em Lens (norte) um jovem de 15 anos teve a mão amputada por um artefato lançado pela polícia. Outro, de 14, perdeu vários dentes na explosão de uma bomba de gás lacrimogêneo, ao norte de Paris.

Centenas de estudantes, policiais e professores ficaram feridos

desde o início de um movimento por melhores condições nas escolas de ensino médio. O ministro do Interior, Laurent Nuñez, anunciou a suspensão do uso de artefatos do arsenal antimotins até que os incidentes sejam esclarecidos. Representantes de organizações estudantis pediram uma reunião com o premiê e denunciaram a falta de “medidas concretas” por parte do governo.

A Assembleia Nacional começou a analisar o polêmico projeto orçamentário de 2027, no qual o governo propõe um ajuste de US\$ 60 bilhões para limitar o déficit fiscal elevado e a dívida pública recorde. Mas a aprovação se anuncia complicada, a pouco mais de seis meses das eleições presidenciais de 2027.

“Foi preciso que vários jovens ficassem mutilados por o resto da vida para que Nuñez desistisse de usar

granadas contra estudantes do ensino médio”, disparou Manuel Bompard, coordenador nacional do partido de esquerda radical França Insubmissa (LFI). A ultradireitista Marine Le Pen, do Reagrupamento Nacional (RN), que lidera as pesquisas para a sucessão do presidente centrista Emmanuel Macron, acusou-o de ficar “sempre do lado daqueles que atacam a polícia”.

Outro caso de grande repercussão, na cidade de Belfort, foi o de um adolescente de 17 anos que acusou um policial de tentar afogá-lo, após tê-lo identificado como o autor de lançamentos de projéteis e incêndios em caçambas de lixo. A promotoria de Vesoul informou que abriu uma investigação por tentativa de homicídio.

Embora majoritariamente pacíficos, os protestos também resultaram em violência. O governo relatou que 215 estudantes, 715

policiais e 85 membros do corpo docente ficaram feridos. Mais de 6.500 pessoas, a maioria menores de idade, foram detidas. A polícia abriu 18 investigações internas sobre denúncias de má conduta desde o início dos protestos, disse Núñez. Sindicatos da área da educação convocaram uma greve e novas manifestações para hoje.

“Aterrorizados”

Desde setembro, estudantes com idades entre 15 e 18 anos bloquearam centenas de escolas para denunciar a falta de professores e as cargas horárias excessivas, assim como salas de aula deterioradas e incapazes de suportar o aumento das temperaturas.

Advogados que representam adolescentes detidos afirmaram que seus clientes sofreram violência física e insultos. Ainoha

Julien de Rosa/AFP



Polícia antimotim confronta estudantes no centro de Paris

Pascual, que defende três menores de Paris, disse que eles foram “aterrorizados”. “A imensa maioria chega ferida sob custódia”, devido a golpes de cassetete ou por terem sido arrastados

pelo chão, acrescentou. Prisca Ancion, do Coletivo pela Ação Judicial, disse à agência de notícias France-Presse que todos os estudantes detidos relataram ter sofrido insultos e agressão física.